



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**Gláucia Nayara de Brito Costa**

**ESTIGMA E SUPERAÇÃO EM UMA HISTÓRIA DE AMOR DE  
CARLOS HEITOR CONY**

Campina Grande-PB

2017

GLÁUCIA NAYARA DE BRITO COSTA

**ESTIGMA E SUPERAÇÃO EM UMA HISTÓRIA DE AMOR DE  
CARLOS HEITOR CONY**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Letras – Língua Portuguesa - da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Professor Mestre José Mário

Campina Grande-PB

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

C837e

Costa, Gláucia Nayara de Brito.

Estigma e superação em uma história de amor de Carlos Heitor Cony /  
Gláucia Nayara de Brito Costa. – Campina Grande, 2017.

51 f.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) –  
Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2017.

“Orientação: Prof. Me. José Mário”.

Referências.

1. Carlos Heitor Cony - Romance. 2. Uma História de Amor - Carlos  
Heitor Cony. 3. Interdição Amorosa. 4. História de Amor - Romance –  
Preconceito. I. Mário, José. II. Título.

CDU 82-311.2(043)

GLÁUCIA NAYARA DE BRITO COSTA

**ESTIGMA E SUPERAÇÃO EM UMA HISTÓRIA DE AMOR DE  
CARLOS HEITOR CONY**

Aprovada em 08 de maio de 2017.

Banca Examinadora:

---

Prof. José Mário Silva

Orientador– UFCG

---

Profa. Rosângela Melo Rodrigues

Examinadora

Campina Grande-PB

2017

## DEDICATÓRIA

*Dedico esse trabalho aos meus filhos, Nuno e Gustavo, a meu esposo, Jairo, a minha mãe Mônica e a minha avó Cecília (in memória).*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por permitir que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Ao Prof. Mestre José Mário pela oportunidade e apoio na elaboração deste trabalho, que me acolheu de maneira tão carinhosa.

Agradeço a todos os professores do Departamento de Letras da UFCG, por todos esses anos de transmissão segura e paciente de conhecimento.

Aos meus pais Mônica e Gleryston por todo o companheirismo em todos os aspectos da minha vida, que me incentivaram desde sempre a estudar e seguir a carreira acadêmica.

Aos meus irmãos Nara e Matheus que sempre me apoiaram e são parte fundamental na concretização desse sonho. A minha irmã que por está tão longe se fez tão presente nesses anos.

Ao meu esposo Jairo que esteve sempre presente, me ajudando no que fosse necessário, dando apoio e carinho e especialmente aos meus filhos Nuno e Gustavo motivo maior de inspiração, em todos os setores da minha vida.

Aos meus amigos Leandro, Ana Cláudia, Fabricio, Marivaldo, Marisete, Simone e Maricélia, por todo o apoio ao longo dessa caminhada e por torná-la mais leve.

A minha querida avó materna, Cecília que onde estiver está feliz por mais essa conquista em minha vida.

*"Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível." (Charles Chaplin).*

## RESUMO

A experiência amorosa, notadamente a que une os destinos de um homem e uma mulher, é sempre uma realidade fascinante, que contribui, decisivamente, para tornar a existência ainda mais bela e digna de ser vivida. Dentre as múltiplas formas de manifestação dessa experiência encontra-se a que se dá sob a égide da visão romântica do mundo, na qual a ênfase na subjetividade é a tônica; e o culto ao sentimento, o marco existencial mais recorrente. Ora com final infeliz, realidade mais comum, ora com conclusão plenificadora para os amantes, o amor romântico é, muitas vezes, alvo de perigosos adversários, sendo o que é protagonizado pelas diferenças sociais entre os apaixonados, um dos mais poderosos. Tal diferença social alimenta facilmente, o preconceito, que, no limite, assume a condição de um estigma que recai sobre uma determinada pessoa que, por essa ótica, passa a ter a sua identidade social radicalmente comprometida. A presente pesquisa busca analisar o romance *Uma história de amor*, de autoria do escritor brasileiro Carlos Heitor Cony, em cujo enredo timbrado por uma tocante história de amor vivenciada por dois jovens pertencentes a classes sociais distintas, as realidades da perseverança, do preconceito, do estigma e da superação ocupam lugar central numa narrativa simples, mas esteticamente bela e profundamente rica em conteúdo humano. Em nossa pesquisa, instrumentalizamo-nos nos aportes teóricos de Antônio Candido (2002); Erwin Goffman (1998); Alfredo Bosi (1995); Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1984); Beth Brait (2004). O presente corpus, objeto de nossa apreciação será distribuído em dois capítulos. No primeiro, o de fundamentação teórica, refletiremos sobre o romance e sobre o conceito de estigma: no segundo, realizaremos a análise propriamente dita, cuja metodologia se pautará por uma espécie de leitura aderente ao texto.

**Palavras-chave:** Carlos Heitor Cony. Herói. Preconceito. Estigma. Interdição amorosa. Superação.



## ASBTRACT

The love experience, especially that which unites the destinies of a man and a woman, is always a fascinating reality, which decisively contributes to make life even more beautiful and worth living. Among the manifold forms of manifestation of this experience is that which occurs under the aegis of the romantic worldview, in which the emphasis on subjectivity is the tonic and worship of feeling, the most recurrent existential mark. With an unhappy ending, or with a fuller conclusion for lovers, romantic love is often the target of adversity, among which are the social differences among lovers, easily taking the prejudice and stigma that falls on a particular person. The present research seeks to analyze the novel *The Story of Love*, authored by the Brazilian writer Carlos Heitor Cony, in whose plot marked by an emotional love story experienced by two young people belonging to different social classes, the realities of perseverance, prejudice, stigma and The overcoming take the center of the stage in a simple narrative, but aesthetically beautiful and deeply rich in human content. In our research, our theoretical contributions are Antônio Candido (2002); Erwin Goffman (1998); Alfredo Bosi (1995); Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1984); Beth Brait (). The present corpus, object of our appreciation will be distributed in two chapters. In the first, the theoretical basis, we will reflect on the novel and on the concept of stigma: in the second, we will carry out the analysis itself, whose methodology will be based on a kind of reading adherent to the text.

Keywords: Carlos Heitor Cony. Hero. Preconception. Stigma. Love interdiction. Overcoming

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. CAPÍTULO PRIMEIRO.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1. Fundamentação Teórica.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2. Romance Romântico.....</b>	<b>22</b>
<b>2.3. Estigma.....</b>	<b>26</b>
<b>3. CAPITULO SEGUNDO.....</b>	<b>30</b>
<b>3.2. Análise do romance.....</b>	<b>30</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>48</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>50</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo monográfico tem como objeto de pesquisa o livro *Uma História de Amor* (2003), de Carlos Heitor Cony. Estudaremos a questão do estigma/preconceito social, de como ele se materializa no discurso do narrador e na construção das personagens, como se dão os conflitos existenciais no âmbito efetivo ou/e emocional vivenciados pelo narrador personagem. Tal aspecto da narrativa será desenvolvido a partir de uma análise estrutural, com foco no personagem protagonista.

Nosso objetivo geral é analisar o estigma social e como ele interfere na vida do personagem protagonista Henrique, rapaz pobre, que se apaixona por uma moça rica, o que o torna alvo de todo tipo de rejeição e preconceito. Para tanto veremos as relações entre as ações externas das personagens e como elas reagem internamente numa abordagem que combinará aspectos estéticos e sociais.

Carlos Heitor Cony nasceu em 14 de março de 1926 no Rio de Janeiro, é um dos grandes nomes da literatura contemporânea brasileira. É jornalista, escritor brasileiro, editorialista da Folha de São Paulo e membro da Academia Brasileira de Letras desde 2000. Autor de romances, contos, novelas, crônicas, adaptações de clássicos e narrativas infanto-juvenis.

Sua obra literária, materializada principalmente no território da ficção e da crônica, é caracterizada pela presença de fortes componentes políticos, na medida em que o escritor está sempre voltado para questões que dizem respeito à realidade nacional. Um clássico exemplo dessa realidade pode ser encontrado no livro *O Ato e o fato*, conjunto de crônicas centradas na dura realidade política vivida pelo Brasil no período da chamada ditadura militar, instalada no Brasil no ano de 1964, e estendida ao longo de mais de duas décadas quando, enfim, o enfraquecimento dos militares e a crescente mobilização da sociedade civil brasileira findaram decretando o fim da ditadura e a volta da normalidade democrática. Além dos componentes políticos, a ficção de Carlos Heitor Cony também enfoca questões ligadas aos relacionamentos humanos, notadamente os

que se efetivam naquela que é chamada de “a célula mãe da sociedade”, a família, lugar de acolhimento e proteção, pelo menos em tese, mas também de manifestação dos mais variados tipos de conflitos haja vista que os agentes que a integram encontram-se despidos das máscaras, frequentemente inevitáveis, com que agimos na vida social pública.

Carlos Heitor Cony chega aos 90 anos, com 17 romances e dezenas de livros de crônicas e adaptações, seu romance mais famoso é *Quase Memória* (1995), que vendeu mais de 400 mil exemplares. A relação de verdade com o texto junto com sua inventividade são duas coisas que fazem de Cony o enorme e fabuloso escritor que ele é.

Os romances de Carlos Heitor Cony não trata apenas de um mundo limitado à pequena burguesia, mas de uma ficcionalização da realidade da matéria brasileira. O elemento que destaca-se em suas obras, considerando o objeto central da análise desse estudo é a elaboração de uma estética que consiste na definição de cenas e personagens que configuram uma veracidade histórico-social. Carlos Heitor Cony possui a capacidade de idealizar amplos e verossímeis cenários sociais e humanos, verdadeiros retratos da sociedade.

Dotado de grande capacidade criativa e sensibilidade na elaboração dos seus textos, Carlos Heitor Cony tem se notabilizado como um escritor bastante atento à realidade do adolescente, do jovem, fase fascinante e complexa da vida, período de descobertas e de afirmação da identidade; e também das escolhas que definem a caminhada na existência. É dentro desse universo, o da juventude que se insere o romance *Uma história de amor*, protagonizado pelas personagens que, pertencentes a classes sociais diferentes, vivenciam uma turbulenta estória de amor. Estória essa que, romântica em seu cerne, diferentemente de boa parte das estórias de fundo romântico, que sempre terminam de modo infeliz, tem um final exitoso, com Henrique logrando superar as pedras colocadas em seu acidentado caminho.

O livro está voltado para um público jovem/adolescente, com linguagem clara e fácil entendimento cuja temática é o preconceito social/estigma entre o amor de dois jovens, um menino pobre e uma menina rica, e tudo que eles

enfrentam para que possam viver essa história de amor. É um livro rico em conteúdos que abrange várias temáticas que se interligam com nossa realidade e que podem ser trabalhados em sala de aula, a saber: o heroísmo do menino pobre; a interdição amorosa; o preconceito/estigma enfrentado por ser pobre; a honestidade do menino Henrique e sua superação entre tantos outros. Sendo a obra de fundamental importância visto que, abrangem todas essas temáticas supracitadas, e as quais fazem parte da realidade de nossos jovens, desta forma podendo oferecer um suporte aos professores de literatura. Por essas e outras razões que optamos pela realização desta pesquisa.

O livro traz a história de amor de Henrique, um menino pobre, filho de uma costureira que queria terminar os estudos, o mesmo se apaixona por Helena Rezende, a filha do Coronel Rezende, o homem mais rico da pequena cidade - Vila Rezende. Na pequena cidade o ensino público era só até o primário, e sua mãe não tinha condições de pagar para que o garoto continuasse os estudos.

No entanto, o menino não desiste, consegue um emprego na loja de conserto de aparelhos eletrônicos e desta forma, trabalhando um horário e estudando o outro, o pobre menino consegue prosseguir com os estudos e por força do destino foi estudar na mesma sala que Helena, porém não consegue pagar taxas exigidas pela escola, o que lhe implica algumas restrições em sala de aula, a saber: sentar-se num banco de madeira no fundo da sala.

Durante os anos que se seguiram, o pobre menino lutou e se tornou um aluno brilhante, mas mesmo tirando as melhores notas não deixou de ser humilhado e excluído pelos demais, exceto pela doce e bela Helena.

No emprego como ajudante aprendera muita coisa sobre elétrica; o tempo passou, ele cresceu e quase nada havia mudado, seu amor por Helena só aumentava, e ela parecia corresponder esse sentimento.

Quando chega o último ano letivo, todos na cidade comentavam sobre eles, o pai da moça logo descobre e usa da sua influência para prejudicar o pobre rapaz. Com isso, a mãe de Henrique estava doente e aos poucos perdeu suas poucas clientes. Henrique, por sua vez, foi mandado embora de seu emprego.

Helena contra tudo e todos, mas com a permissão de seus pais, convida Henrique para ir ao baile de formatura, no meio do caminho eles pararam e começaram a dançar e se beijaram sem perceber que todos estavam do lado de fora da festa além do coronel que os seguiram. Depois do acontecido, Helena foi mandada embora para São Paulo e Henrique é deixado para trás junto com sua mãe que já estava muito doente, que logo depois morre.

Em seguida Henrique muda-se para São Paulo à procura de sua amada. Chegando lá, mora na pensão de Dona Joana e consegue um emprego em uma loja que mais tarde torna-se sócio. Consegue entrar na Faculdade de Engenharia, onde se formou por mérito.

Algum tempo depois chega à pensão de Dona Joana um rapaz que dizia ser do Goiás e que trabalhava em um banco. Logo depois Henrique é preso acusado de ser cúmplice de um roubo, encontrando a polícia dinheiro debaixo de seu colchão. O interessante é que ao chegar à delegacia o substituto do delegado era o Jorge, primo de Helena, que desde os tempos da escola não gostava de Henrique, que logo manda levar Henrique para cela, mas no mesmo dia foi solto, pois prenderam o verdadeiro autor do crime que era o novo inquilino da pensão.

O tempo passou e Henrique tornou-se um engenheiro famoso, ajudou no desenvolvimento da televisão, foi para os Estados Unidos e Europa. Ao retornar é informado que o pai de Helena tinha falecido e que a mesma havia acabado o noivado.

Tempos depois Henrique e Helena encontram-se casados com uma filha Maria Clara, e a mesma está apaixonada por um rapaz pobre. Helena por sua vez temia que a filha sofresse tudo que ela tinha sofrido por isso era contra o namoro, Henrique por outro lado tinha a opinião de que eles não deveriam proibir o namoro e deixassem eles serem felizes sem se preocupar com a opinião alheia.

Enfim, na intenção de convencer Helena, Henrique escreve uma carta sobre a história deles e tudo que eles passaram por causa do preconceito esclarecendo que a filha não merecia passar pela mesma situação.

A presente análise é de natureza interpretativa, desenvolvida da realização de interpretação da trajetória do menino Henrique. Observaremos as personagens e suas funções na obra como também a análise de conteúdo, com foco sociológico.

Inicialmente será feita a apresentação do autor e da obra. Posteriormente apresentaremos análise dos elementos estruturais do romance, a saber: enredo, tempo e espaço.

Para realização desse estudo, consultamos os pesquisadores: Alfredo Bosi (1994) e Erving Goffman (1963), também foi contemplada a importância da Literatura no ensino fundamental de acordo com os PCN's e organizações curriculares e por fim concluímos com o estudo do enredo do romance *Uma história de amor*, de Carlos Heitor Cony.

## 2. CAPÍTULO PRIMEIRO

### 2.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Romance, forma literária pertencente ao gênero narrativo, vem durante os três últimos séculos, sofrendo uma grande evolução em seu âmbito histórico e estrutural, contemplando a literatura com diversas obras clássicas ao longo do tempo.

Segundo Vítor Manuel de Aguiar, na Idade Média, o vocábulo “romance” designou a língua românica, considerada uma língua vulgar originária do latim vulgar. Só mais tarde é que a palavra “romance” passou a designar um estilo literário dotado de sentimentalismo.

Sendo no século XVII, sob pleno signo barroco que o romance passa a ter uma extraordinária proliferação.

O romance barroco apresenta-se estreitamente com o romance medieval e caracteriza-se geralmente pela imaginação exuberante, pela abundância de situações e aventuras excepcionais e inverossímeis: naufrágios, duelos, raptos, confusões de personagens, aparições de monstros e de gigantes, etc. ao mesmo tempo, o romance barroco responde ao gosto e às exigências cortesãs do público do século XVII, através de longas e complicadas narrativas de aventuras sentimentais. (AGUIAR E SILVA, 1984 p.676)

Entretanto no século XVIII o sistema de valores da estética clássica começa a perder a sua homogeneidade e sua rigidez, surgindo um novo público- a burguesia- e o romance passa a conhecer uma metamorfose e um desenvolvimento muito profundo.

Quando o sistema de valores da estética clássica começa, no século XVIII, a perder a sua homogeneidade e a sua rigidez, e quando, neste mesmo século, começa a afirmar-se um novo público, com novos gostos artísticos e novas exigências espirituais – um público burguês. (AGUIAR E SILVA, 1984 p.680)

O público cansara do caráter fabuloso e exigia das obras narrativas mais verossimilhança, mais aproximação do real. Assim com o surgimento do Romantismo, o romance, que já havia conquistado seu espaço e autonomia, sofre uma ampliação do seu público leitor, surgindo desta forma, novos tipos de



romance entre eles o romance de terror que foi bastante aceito e o romance de folhetins, caracterizados pelas aventuras descabeladas, pelo tom melodramático e pela frequência de cenas emocionantes, mantendo vivo o interesse do público de folhetim para folhetim, era uma publicação fatiada com temas burgueses.

No Brasil, o Romantismo teve marco inicial em 1836, com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades*, de Gonçalves de Magalhães. Os artistas brasileiros buscavam sua fonte de inspiração na natureza e nas questões sociais e políticas do país. As obras valorizavam o amor sofrido, a religiosidade cristã, a importância de nossa natureza, a formação histórica de nosso país e o cotidiano popular. Uma característica marcante do romantismo foi a proclamação da liberdade de expressão e a hipervalorização dos sentimentos e das emoções pessoais.

Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-82) publicou, retomando Denis, o “Ensaio sobre a história da literatura brasileira”, no qual traçava o programa renovador, completado pelo prefácio do livro que publicou no mesmo ano, *Suspiros poéticos e saudades*, considerados pelo contemporâneos o ponto de partida da transformação literária e iniciador da literatura propriamente brasileira. (CANDIDO, 2002 p.26)

No final do século XIX, a literatura infanto-juvenil ganhou importância, quando o Brasil estava mudando de regime político, de monarquia para república. Com isso o país progrediu havendo aumento da classe média e conseqüentemente a necessidade da literatura para crianças e jovens; como não havia escritores brasileiros para esse público a solução foi traduzir obras estrangeiras. No início do século XX, surgem as obras de Monteiro Lobato voltadas para crianças.

A origem da literatura infanto-juvenil vincula-se às mudanças estruturais que ocorreram na sociedade dos séculos XVII e XVIII, momento em que se instalou o modelo burguês de família unicelular, provocando uma alteração na forma de se visualizar a infância e toda as instituições com ela relacionadas. (BECKER, 2001 p.35)

A literatura infanto-juvenil é um ramo da literatura dedicado a leitores entre 10 e 15 anos, e nela se incluem histórias fictícias, biografias, novelas, poemas,

obras folclóricas e culturais. A mesma se torna fundamental para que os jovens travem contato com os livros acostumando-se com seu formato e seu universo de possibilidades. São marcadas por uma narrativa movimentada, cheias de imprevistos, peripécias e com finais felizes na maioria das vezes. Alguns fatos comuns a essa literatura são:

- Apresentam temas de interesse ao jovem adolescente, muitas vezes controversos como sexo, violência, drogas e relacionamentos;
- Personagens, especialmente protagonistas da mesma faixa etária dos leitores;
- Podem possuir imagens e fotos, mas não necessariamente, são basicamente constituídos de textos verbais;

No que diz respeito à concepção de personagem, Aristóteles, dos teóricos conhecidos, foi o primeiro a tocar nesse assunto. Ao discutir as manifestações da poesia lírica, épica e dramática, levantando alguns aspectos importantes que marcaram e marcam o conceito de personagem e sua função na literatura. No entanto ele aponta, entre outras coisas, para dois aspectos essenciais:

- A personagem como reflexo da pessoa humana;
- A personagem como construção, cuja existência obedece as leis particulares que regem o texto.

Os estudos empreendidos por Aristóteles serviram de modelo, num certo sentido à concepção de personagem que vigorou até meados do século XVIII, momento em que o conceito de mimesis flagrado no pensador grego e manipulado por seus interpretadores começa a ser combatido. (BRAIT, 1990 p.35)

Além das contribuições de Aristóteles, tivemos também contribuições de Horácio, um poeta latino que divulga as ideias aristotélicas e reitera as suas proposições:

No que diz respeito à personagem, Horácio associa o aspecto de entretenimento, contido pela literatura, à sua função pedagógica, e consegue com isso enfatizar o aspecto moral desses seres fictícios. (BRAIT, 1990 p.35)

Essa concepção de personagem de Aristóteles e Horácio entra em declínio na segunda metade do século XVIII, e foi substituída por uma visão psicologizante

que entende personagem como a representação do universo psicológico de seu criador. Isso ocorre devido a uma série de acontecimentos que cercam o final do século XVIII. Nesse momento o romance entrega-se à análise das paixões e dos sentimentos humanos.

No que diz respeito especificamente ao romance e à personagem de ficção, é somente com a obra *Teoria do Romance*, de Gyorgy Lukács, publicada em 1920, que essas questões são retomadas em novas bases.

Lukács, relacionando o romance com a concepção de mundo burguês, encara essa forma narrativa como sendo o lugar de confronto entre o herói problemático e o mundo de conformismo e das convenções. Apesar da nova ótica, a personagem continua sujeita ao modelo humano. (BRAIT, 1990 p. 39)

Um outro crítico, ainda na década de 20, empenha-se em esclarecer alguns aspectos ligados ao romance e à personagem de ficção. Em 1927, surge o livro *Aspects of the novel*, de E. M. Forster, romancista e crítico inglês, que imortalizou suas obras por classificar as personagens como plana e redonda:

As personagens planas não constituem em si, realizações tão altas quanto as redondas e que rendem mais quando cômicas. Uma personagem plana seria ou trágica arrisca tornar-se aborrecida. (FORSTER, 1949 p.63 Apud CANDIDO, 1992)

Forster ainda traz a concepção de que existem três elementos estruturais essenciais no romance: intriga, história e personagem.

Em *A personagem do Romance*, Candido traz a concepção de que os elementos estruturais do romance são enredo, personagem e ideias. Mas é o personagem que possibilita adesão afetiva e intelectual do leitor, é o elemento mais vivo do romance.

O enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e os valores que o animam. (CANDIDO, 2009 p.51)

O autor do romance é responsável pela manipulação da realidade, cria personagens de figuras vivas, através da reprodução de elementos

circunstanciais. O romance se baseia em uma relação de afinidade entre o ser real e o fictício, fazendo com que o fictício seja mais coeso que o real.

E como personagem do romance, temos o herói romântico, em geral um ser dotado de idealismos, de honra e coragem, que por vezes coloca sua própria vida em jogo para atender os apelos do coração, da emoção ou da justiça.

Na literatura infanto-juvenil atual, segue uma tendência realista, trazendo temas que fazem parte da realidade dos leitores: drogas, violência, abandono, homossexualidade, preconceito social, interdições amorosas entre outros. Para que haja um maior interesse por parte dos jovens, a leitura literária.

As personagens vivenciam situações similares a que as nossas crianças e jovens enfrentam no mundo real, com o objetivo de pensar a sua realidade a partir da literatura. (RESENDES, Alberto Raposo de; ALFONSI, Fernanda Garcia.;ALVES, Kelly Cristina Soares. A literatura infantil contemporânea e suas vertentes sociais no Brasil e no mundo.

Desta forma eles encontram um espaço para seus conflitos, sentimentos e problemas, que não são tratados como menores ou sem importância. Sendo este um lugar de refúgio, de falar e de ouvir; um lugar de não prejuízos e preconceitos.

Para ampliar o modo de ler, o trabalho com a literatura deve permitir que progressivamente ocorra a passagem gradual da leitura esporádica de títulos de um determinado gênero, época, autor para a leitura mais extensiva, de modo que o aluno possa estabelecer vínculos cada vez mais estreitos entre o texto e outros textos, construindo referências sobre o funcionamento da literatura e entre esta o conjunto cultural;[...]da leitura mais ingênua que trate do texto como mera transposição do mundo natural para a leitura mais cultural e estética, que reconhece o caráter ficcional e a natureza cultural da literatura. (PCN, 1998 P.71)

Pode-se dizer que, os PCN trazem objetivos como forma de ampliação e domínio ativo do dizer em várias situações de comunicação, de forma a possibilitar o ingresso dos alunos no mundo efetivo da escrita. Não podendo deixar de ressaltar a grande importância que a literatura pode auxiliar no processo de formação do aluno enquanto leitor e na sua formação humana.

É dever também da escola, entre outras coisas, tornar seus alunos leitores eficientes e não apenas decodificadores da língua, pois “a leitura é um processo

de percepção da realidade que envolve, entre outros fatores, a visão do mundo do leitor” como define BERNARDO (2012, *apud* Miguez, 2009, p.17).

A escola propicia um ambiente para que os textos literários sejam vistos como algo enriquecedor e, sobretudo, agradável.

O contato com textos literários, é natural que ocorra na escola como defende Rocha (2010) *apud* Ziberman (2003 p.16) “a sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto pela leitura assim como, um campo importante para o intercambio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade”.

Quando os PCNs (1998) trazem Temas Transversais em suas propostas didáticas, o mesmo sugere a abordagem de temas globais, a saber: ética, pluralidade e diversidade cultural, temas esses que são fartos em bons textos literários, que podem ser trabalhados em sala de aula, e devem proporcionar aos jovens, discussão acerca de assuntos pertinentes ao momento social, político e cultural.

É valido que o professor é o elo entre esses textos e seus alunos, porém, professores de língua portuguesa afirmam que o pouco tempo das aulas é a grande barreira para a realização satisfatória do trabalho com a literatura.

Em função de se promover e disseminar o hábito da leitura na escola, bem como diminuir essa barreira encontrada pelos professores foram criados alguns programas pelo Ministério da Educação – Mec – voltados para a promoção da leitura a saber: o Programa Nacional Salas de Leitura (PNSL), desenvolvidos entre os anos de 1984 e 1996, e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), iniciado em 1997 até os dias atuais.

O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), tem por objetivo democratizar o acesso às fontes de informação e cultura, o fomento à leitura e à formação de alunos e professores, o apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor, e ainda viabilizar a diversificação das fontes de informação utilizadas nas escolas públicas brasileiras.

O programa divide-se em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico. (portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escolaportal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola)

É sabido que na atual sociedade brasileira, a leitura constitui-se uma necessidade para todas as pessoas e um dos requisitos essenciais da cidadania. Para o cotidiano, para competir no mundo do trabalho a exigência de atualização está ligada diretamente com a leitura.

## 2.2 Romance Romântico

Embora o termo *romance* tenha surgido para designar a língua do povo, a concepção literária do termo distanciou-se de tal origem. Do século XII até o final do século XVI, o termo *rommant* foi utilizado para designar as línguas românticas e também para a composição literária escrita na variante vulgar.

A partir do século XVII, passa a ser escrito como *romane* origina dois adjetivos: o *romanesco* (*romanesque*) e o *romântico* (*romantique*). Tais termos são utilizados para adjetivar uma paisagem, uma cena ou até mesmo um monumento. Nesse período eram empregados na Inglaterra, para classificar o ridículo, fantasioso que era oposto a concepção clássica. Durante o Iluminismo, ainda na Inglaterra além do sentido pejorativo surge uma outra conotação: romântico era tudo aquilo que estava à imaginação, que despertava o sonho e a emoção. Evoluindo a uma nova tendência artística que se opôs a tradição clássica. A partir de Rousseau (1712-1778) que o termo foi consagrado e passou a definir tudo que estava associado à imaginação e emoção. Portanto é com Stendhal (1783- 1842) que o termo passa a designar uma nova tendência artística que se colocou fortemente contra as ideias clássicas, e é o primeiro escritor a se denominar romântico:

Sou um romântico furioso, quer dizer, sou por Shakespeare, contra Racine e por Lord Byron, contra, Boileau. (STENDHAL, 1984, p.137)

É no Romantismo que o gênero romance assume o primeiro plano enquanto gênero dominante, criando novas concepções de mundo. Uma dessas concepções se expressa através do herói, cujo processo de individualização será a causa dos conflitos do homem com o mundo em que vive, tendo como temas dominantes o amor e as aventuras e a figura do herói passa a ser aquela que entra em conflito com a ordem estabelecida pela sociedade.

Georgy Lukács aborda essa questão em sua obra *Teria do romance*, publicada em 1916, nela ele percebe a busca de uma analogia entre o mundo descrito pela ficção literária e aquilo que nela se representa. Obra essa fundamentada numa perspectiva histórica e marxista. Sendo assim, Lukács diferencia a épica do romance a partir das relações do homem e de seu meio, o

autor aponta que com o surgimento dos novos tempos devido à incrementação da industrialização no final do século XIX e do capitalismo, rompe-se o universo harmônico e unitário em que o homem se integrava à natureza e à coletividade. Ocorrendo assim, a fragmentação entre o sujeito e o objeto, resultando no estabelecimento de uma tipologia do romance, cujo paradigma se dá por novas relações entre o indivíduo e a sociedade.

Sob influência de Kant e Hegel, Lukács discute duas dimensões caracterizadoras dos eixos denominados sujeito e mundo: a da tradição clássica, em que prevalece o sentido épico e totalitário e a da perspectiva burguesa do século XIX que se caracterizou pela fragmentação. Foi no espaço entre a cultura clássica e a modernidade burguesa, que Hegel contemplou a Idade Média como a época em que se preservou vestígios da união mítica entre os heróis e a realidade deles.

De acordo com Lukács, o sujeito do século XIX percebe que não passava de “uma exigência infinita inscrita no céu imaginário do dever-ser” (p.33) e diante disso o sujeito cria formas desestabilizadoras para com esse paradigma, algo que representava o gigantismo de seus desejos e projetos.

Os diferentes traços do herói são oriundos do processo de ruptura, na antiguidade clássica, o herói seguia um percurso pré-determinado que o conformava em sua época. Alguns heróis da primeira geração romântica, a saber: Eurico, Dom João de Portugal entre outros tentam retomar esse caminho numa tentativa de retomada tempos de outrora, porém nesse momento se deparam com evidências que Lukács define de “problematização” se tornando o início do processo de humanização do herói romanesco, aquele que evidencia esforços para elevar-se sobre as adversidades da vida:

A totalidade extensiva da vida já não é dada de maneira imediata, de um tempo para qual a imanência do sentido à vida se tornou problema, mas que, apesar de tudo, não cessou de aspirar totalidade. (LUKÁCS, 2001, p.55)

Parte desse processo de individualização do herói, deve-se também a contribuição da filosofia alemã sobre a nova concepção do “eu”, devido a leituras feitas pelos românticos das teorias surgida no século XIX, renovando assim a



contradição entre o anseio do absoluto pela via do amor e as contingências de um mundo hostil que sempre tornava o percurso do herói romântico um oceano de dificuldades e o mesmo não hesitava, mesmo a suas atitudes lhe trazendo contratempos e dissabores. Fazendo com que ele se tornasse responsável pelo seu destino em um mundo caracterizado pela desigualdade pela expressão da solidão.

O herói romanesco torna-se, assim um ser rebelde, que vive em conflito com uma sociedade opressora, que se coloca contra essa sociedade e em nome de seus valores morais e de liberdade ele passa a confrontar essa sociedade em nome do amor e de tudo aquilo que lhe parece verdadeiro. O que Lucien Goldmann denomina de “caráter demoníaco”.

Assim como Lukács, Mikhail Bakhtin deixou grandes contribuições para o estudo do gênero romanesco, o autor considerou a “incompletude” do romance como princípio construtivo de características, a saber: a literariedade, o plurilinguismo, a pluralidade de vozes e estilo que o romance oferece e permite para exercitar a avaliação crítica de suas estruturas. Para Bakhtin, o romance revelou-se como uma nova sensibilidade em relação ao tempo, tendo em vista que o surgimento dele foi para representar o presente em sua evolução e sua instabilidade,

Quando o presente se torna o centro da orientação humana no tempo e no mundo, o tempo e o mundo perdem seu caráter acabado, tanto no todo como na parte. O modelo temporal do mundo modifica-se radicalmente: este se torna um mundo onde não existe a palavra primordial e onde a última palavra ainda não foi dita. (BAKHTIN, 1993, p.419)

Tendo como decorrência desse processo a possibilidade do próprio homem se inserir no romance, distanciando-se do padrão épico e revelando-se tal como é: degradado, inacabado e em meio a um mundo corrompido.

Bosi afirma que é de costume dividir o romance em romance social regional e romance psicológico o que não seria o suficiente para dar conta das diferenças internas. De acordo com Lucien Goldmann que se apoia nos estudos de Georgy Lukács (*Die theorie des romans*) e de René Girard (*Mensonge romantique et crêité romanesque*). O pensador francês traz uma abordagem genético-estrutural do romance moderno e seu dado inicial é atenção entre o escritor e a sociedade.

Na perspectiva de Goldmann existem pelo menos quatro tendências, segundo o grau crescente de tensão entre o herói e o mundo, cabe ao romancista projetar as personagens e mostrar qual o ponto de vista do herói. De modo resumido, o que Goldmann propõe é uma hipótese explicativa do romance moderno, na sua relação com o meio social. E a partir desse pressuposto, o romance brasileiro moderno pode ser dividido em quatro tendências, dependendo do grau de tensão entre o mundo e o herói: Romance de tensão mínima – em que o herói opõe-se as pressões da natureza e do meio social, resistindo; Romance de tensão interiorizada – em que o herói não está disposto a enfrentar a dicotomia eu\ mundo, ele foge do conflito; Romance de tensão transfigurada- o herói busca superar o conflito existencial através da transmutação mítica ou metafísica da realidade e Romance de tensão crítica.

A obra *Uma história de amor*, estudada neste presente trabalho, se enquadra dentro da tendência de romances de tensão mínima, uma vez que o personagem Henrique sofre pressões sociais pelo fato de ser pobre e se apaixona por uma menina rica, a mais rica da cidade, e como forma de superar, o garoto decide continuar os estudos, o que foi encarado como uma afronta à sociedade, o herói Henrique resiste a tudo e a todos para se livrar do preconceito que sofre e para poder vivenciar sua história de amor ao lado de Helena.

## 2.3 Estigma

De acordo com Constituição Federal do Brasil, todo ser humano tem direitos garantidos pelo Estado Democrático de Direito, independente de idade, raça, credo, gênero, situação econômica ou berço, ao nascer e antes mesmo do nascimento, direitos essenciais que visam estabelecer e sustentar as condições fundamentais da vida da pessoa e o desenvolvimento físico e moral de sua existência, direitos esses que funcionam como o conteúdo mínimo necessário e imprescindível da dignidade humana.

Art.3 Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: (...) IV- promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988)

Apesar de ser lei em nosso país e da sociedade estar cada vez mais consciente das diferenças sociais que a compõem, o preconceito é um problema existente em nossos dias, presente em toda a sociedade. O que mostra, claramente, que entre o que está registrado em nosso ordenamento jurídico máximo, que é a constituição, e a realidade concreta do dia a dia, há abismos quase intransponíveis.

O sociólogo Erwin Goffman (1988), em seu livro intitulado Estigma- Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada- argumenta sobre a questão do estigma na vida do sujeito. O mesmo pauta-se na sociologia e na psicologia social, estudou diversas situações em que o indivíduo não se introduz de forma plena.

Ter consciência da inferioridade significa que a pessoa não pode afastar do pensamento a formulação de uma espécie de sentimento crônico do pior tipo de insegurança que conduz à ansiedade e, talvez a algo ainda pior, no caso de se considerar a inveja como realmente pior do que a ansiedade. O medo de que os outros possam desrespeitá-la por algo que ela exiba significa que ela sempre se sente insegura em seu contato com os outros; essa insegurança surge, não de fontes misteriosas e um tanto desconhecidas como uma grande parte de nossas ansiedades, mas de algo que ela não pode determinar. Isso representa uma deficiência quase fatal do sistema do "eu" na medida em que este não consegue disfarçar ou afastar uma formulação definida que diz " Eu sou inferior, portanto as pessoas não gostarão de mim e eu não poderei sentir-me seguro com elas". (GOFFMAN, 1988, p.22)

A palavra estigma era utilizada na Grécia antiga e se tratava de uma marca corporal que era representada por um corte ou queimadura e tinha como significado algo ruim para a convivência social era, portanto, uma tradição da época.

Em nossos dias a palavra estigma ainda nos remete à tradição grega como um mito de desonra que foi passado de geração para geração, como uma representação negativa e de desconforto nos indivíduos estigmatizados. E como tal indivíduo é visto como um diferente, e só contribui com essa diferença como um registro de sua incapacidade. Deixando de ser visto como uma pessoa na sua totalidade, transformando-se num ser desprovido de potencialidades.

A sociedade estabelece um modelo e espera que todos ou pelo menos a maioria responda a esses critérios estabelecidos pelo sistema de controle social, sistema esse que tem por objetivo catalogar as pessoas pelos seus atributos considerados comuns e naturais. Ao rotulá-los, catalogá-los e os estigmatiza-los, esse modelo social cria e determina um padrão externo ao sujeito, passando a ser configurado como único critério de identidade social do sujeito, portanto, tais atributos podem não representar sua identidade real. Em outras palavras, a sociedade atribui um padrão para os indivíduos; e os que não se encaixam nesses padrões impostos pela sociedade enfrentam algum tipo de preconceito, passando a serem estigmatizados socialmente. De acordo com Goffman, o estigma estabelece uma relação impessoal com o outro, na qual o indivíduo surge como uma representação circunstancial com características marcantes da classe do estigma; marcas essas que podem sinalizar um desvio e uma diferença de identidade social.

Creio que a primeira vez que realmente me dei conta de minha situação e a primeira dor profunda que ela me causou foi num dia, casualmente, quando estava na praia com meu grupo de amigos do início da adolescência. Eu estava deitada na areia e acho que os rapazes e moças pensaram que eu estivesse dormindo. Um deles disse, então: "Gosto da Domenica, mas nunca sairia com ela com uma garota cega". Não conheço nenhum preconceito que rejeite uma pessoa de maneira tão absoluta. (HENRICH e KRIEGEL, op. Cit.,p.86 Apud GOFFMAN, 1988, P.43)

Ainda segundo o autor, o estigma é um atributo que produz um amplo descrédito na vida do sujeito. Para os estigmatizados, a sociedade reduz suas

oportunidades, impõem-lhes a perda da identidade real e determina uma imagem deteriorada dentro do modelo que convém à sociedade.

Para a pessoa inabilitada, a incerteza quanto ao status, somada à insegurança em relação ao emprego, prevalece sobre uma ampla gama de interações sociais. O cego, o doente, o surdo, o aleijado, nunca podem estar seguros sobre qual será a atitude de um novo conhecido, se ele será receptivo ou não, até que se estabeleça o contato. É exatamente essa a posição do adolescente, do negro de pele clara, do imigrante de segunda geração, da pessoa em situação de mobilidade social e da mulher que entrou numa ocupação predominantemente masculina.” (BARKER, op. Cit., p.33 Apud GOFFMAN, 1988, p.23)

Como consequência desse descrédito o estigma é visto em situações extremas como um “defeito”, “falha” ou desvantagem em relação ao outro.

A sociedade é quem limita e delimita a capacidade de ação de um sujeito estigmatizado. Marcando-o como desacreditado e determinando os efeitos maléficos que ele pode representar. Quanto maior a discrepância, mais acentuado se torna o estigma, o sujeito assume uma posição isolada da sociedade, se tornando um sem espaço, sem voz e sem vez.

O sujeito estigmatizado muitas vezes entende que é uma pessoa inferior por possuir determinada característica considerada de menor valor. O que os leva a reagirem de maneira insegura em relação a como os normais os identificarão, quando estão em mútua presença com os sujeitos considerados normais. Por isso Goffman (1988, p.15) afirma:

Nós e os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão serão por mim chamados normais. As atitudes que nós, normais, temos com uma pessoa com um estigma, e os atos que empreendemos em relação a ela são bem conhecidos na medida em que são as respostas que a ação social benevolente tenta suavizar e melhorar. Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano.

Cabe ressaltar que os preconceitos se constituem de uma modalidade de discriminação sobre aqueles que se orientam na vida de forma diferente dos padrões dominantes. Segundo Goffman (1988, p.12), estigmatizante é qualquer atributo, não necessariamente físico ou visível, que diferencia do quadro de expectativas sociais “comuns” de determinado indivíduo. Todas as sociedades

definem categorias relacionadas a atributos considerados naturais, normais e comuns do ser humanos- o que Goffman define por identidade social virtual. Ou seja, o indivíduo estigmatizado é aquele cuja identidade social real inclui qualquer atributo que frustra às expectativas de normalidade.

### **3. CAPÍTULO SEGUNDO**

#### **3.1 Análise do romance:**

No estudo analítico deste capítulo, veremos como se configura a trajetória do narrador protagonista Henrique e todo o drama que o mesmo enfrenta durante sua infância e juventude por ser pobre e por se apaixonar pela doce Helena, menina mais rica da cidade. Daremos ênfase em momentos obscuros e também satisfatórios vividos pelo herói e as personagens que de forma direta ou indireta, fizeram parte da vida de Henrique que, juntamente a ele construíram o enredo desse romance.

O romance abordado nesta pesquisa está entre os melhores exemplares da Literatura moderna, pela autenticidade do escritor Carlos Heitor Cony e principalmente pela condição de vida representada por cada personagem, com destaque para o protagonista. São várias as questões de cunho social que assolam a vida da maioria da população, nos dias de hoje e que o autor faz questão de elencar através do narrador e de seus personagens nesta obra, entre as quais podemos destacar: preconceito social, críticas ao poder político, superação, interdição amorosa entre outras questões voltadas à literatura e realidade brasileira que elencaremos no transcorrer deste capítulo.

O protagonista da trama é Henrique, um garoto pobre, filho de uma costureira e orfão de pai, que carrega consigo o “defeito” de ser pobre. O mesmo se apaixona por Helena, filha do homem mais rico e poderoso da cidade. Que devido à diferença de classe social, o garoto é humilhado e rejeitado em quase toda sua vida. Henrique em toda trama, luta por esse amor e se esforça bastante para vencer através dos estudos.

O cenário inicial se dá quando Henrique brincava a beira de um rio e o carro do homem mais rico da cidade, o pai de Helena, para perto dele com o pneu furado, o motorista desce do carro e pede sua ajuda, é nesse momento que Henrique avista sua amada e os dois se olham, porém Helena não fala com Henrique que mal consegue ajudar de tanto que suas pernas tremiam, logo em seguida o carro parte, levantando uma nuvem de poeira deixando o pobre menino na margem da estrada.

Helena Rezende, era filha única do Comendador Rezende, homem mais rico e poderoso da cidade, que por sinal carregava o nome do comendador- Vila Rezende- tudo pertencia aos Rezendes, os melhores terrenos, as melhores plantações de café e algodão. Helena, vivia em um reinado total, tanto pela riqueza de seu pai quanto pela sua própria beleza.

A mãe de Henrique, era uma pobre costureira que muitas vezes ouvia reclamações de suas poucas clientes, a respeito de seus serviços, sempre ouvia as reclamações calada e de cabeça baixa e Henrique, ao presenciar tamanhas humilhações, jurava para si mesmo que um dia, ninguém iria mais humilhá-los, e o menino se esforçava o máximo na escola para compensar sua mãe.

Eu sofria vendo minha mãe curvada sobre a máquina, até de madrugada. Às vezes, quando levantava para ir a escola, eu a encontrava dormindo em cima da costura. Tomava meu café ralo e saía de mansinho, para não despertá-la. (CONY, 2003, p. 6-7)

O garoto se esforçava na escola para poder, um dia oferecer uma vida digna a sua mãe, livre daquelas humilhações, e sabia que seria através dos estudos que ele conseguiria vencer a pobreza, terminou o curso primário como primeiro aluno do Grupo Escolar, isso enchia sua mãe de orgulho.

E assim, o pobre Henrique, termina o curso primário, como melhor aluno de todos os anos, porém, por mais força de vontade que o menino tenha de continuar os estudos, algo lhe impede de cursar o ginásio, os estudos passariam a serem pagos e sua mãe não teria condições nenhuma de custear seus estudos.

Eu não queria que minha mãe sofresse mais por mim. Sabia qual seria sua resposta: "Não, Dona Iracema, ando muito cansada, a costura não dá para tanto. Henrique terá que procurar trabalho. Estudo é para quem pode". (CONY, 2003, p.7)

Em relação ao emprego, o menino já havia pensado, por vezes fazia entrega para o Seu Gomes, que era dono de uma loja de conserto de rádio e abajures, Seu Gomes era deficiente de uma perna e pedia a Henrique para fazer as entregas, dando-lhe algumas moedas, que o menino juntou e certo dia deu para sua mãe quando faltou as coisas em casa. O garoto enxergou a possibilidade de trabalhar para ele. Mas suas intenções era trabalhar para poder custear seus estudos, o que por outro lado lhe pesava a consciência, porque se



pagasse seus estudos, não poderia ajudar sua mãe com as despesas de casa; Henrique tomou coragem e falou com sua mãe a respeito da conversa que teve com a professora de prosseguir com os estudos e teve como resposta de sua mãe o silêncio. No dia seguinte o assunto pesava sobre eles, quando de repente, sua mãe olhou em seus olhos e disse que por ela não haveria problemas, mas com a condição que ele conseguisse um emprego para pagar seus próprios estudos. Nesse momento o menino se ajoelha ao lado da mãe e faz uma promessa, de estudar e ser o melhor aluno da escola, uma alegria invadia seu ser, não sabia o que iria enfrentar mas, sua mãe temia que seu filho sofresse.

Prepare-se para sofrer, meu filho. Aqui no bairro somos todos pobres. No Grupo Escolar todos eram iguais. Mas no ginásio você estará no meio de gente rica, que tem tudo. Lá a nossa pobreza será defeito. (CONY, 2003, p.9)

Nesse momento Henrique abraça sua mãe, se dá conta do que irá enfrentar, mas não desiste e reafirma sua promessa, de que vai se esforçar e que um dia eles, através de seus estudos, irão vencer.

Antes mesmo da matrícula, a notícia já havia se espalhado, que o filho da costureira, que o menino pobre, irá estudar no ginásio, o que de certa forma foi visto pela sociedade preconceituosa como uma afronta; muitos dos moradores, da pequena cidade não aceitavam o fato do filho da costureira, dividir a sala de aula com seus filhos e faziam questão de deixar isso bem claro.

“- Isso é um absurdo! É o que dá o ensino ser público! Nossos filhos vão ter que sentar no mesmo banco do filho da mulher mais pobre daqui! Precisamos convencer o padre a fundar um ginásio particular, para evitar essa promiscuidade. Odeio esse tipo de mistura!” (CONY, 2003, p.10)

Henrique em toda sua vida era conhecido e rotulado por esse estigma- o filho da costureira- a eclipse de seu nome, é apagado em detrimento da função que o protagonista exerce na sociedade, o que não representava sua identidade real, mas sua identidade social. A identidade social estigmatizada do pobre é danosa, porque as sociedades estruturam essas identidades em aspectos pressupostos, ou seja, em formas imobilizadas de reconhecimento do indivíduo.

A identidade social segundo Goffman (1988) carrega um estigma que repercute no reconhecimento da pessoa uma via de compreensão opressora.

Analisando o campo, percebemos na fala do personagem Oswaldo Matos, que em alto e bom tom, diz ser um absurdo o filho da costureira, dividir a sala de aula com seus filhos e que o padre precisa ser convencido a fundar um ginásio particular. Podemos observar o papel que a religiosidade exerce na conduta dos indivíduos na sociedade, seja ela na esfera social, política, econômica ou cultural.

Na mesma fala, o personagem, afirma que essa promiscuidade precisa ser evitada. Promiscuidade é uma característica daquilo que é promíscuo, que se mistura desordenadamente. É uma convivência confusa entre pessoas, desta forma o personagem afirma que o lugar de Henrique não era no ginásio, juntamente com os demais.

No dia da matrícula, Henrique é informado que existem algumas taxas a serem pagas, para ter direito a algumas regalias, como ele não tinha dinheiro, teve que renunciar a todas e a principal delas, foi renunciar a carteira individual e se sujeitou, a sentar-se num banco de madeira, no final da sala. Depois de matriculado o menino, foi pedir emprego a Seu Gomes com a justificativa de que precisava de um ordenado para pagar seus estudos, Seu Gomes o aceitou e admirou sua coragem. De fato Henrique era corajoso e determinado.

Logo no primeiro dia de aula, Henrique se sentiu um estranho, um indesejável naquele lugar, todos apontavam e cochichavam, como se algo sobrenatural acontecesse ali com sua presença, ao entrar na sala de aula, avistou seu banco de madeira no fundo da sala, que para escrever ele teria que usar a carteira da frente como apoio.

O Comendador, pai de Helena, fora a escola, para receber uma homenagem, na medida em que todos entravam, o pobre menino, se sentia um intruso e baixou a cabeça, só a levantou, quando todos já haviam sentados, foi nesse momento, que Henrique percebe a presença de Helena, o menino ficou feliz, porque iria ver sua amada todos os dias.

E, assim dessa, maneira, o discurso do narrador se propaga ao longo da trama, uma das fortes características que podemos ressaltar do autor, é essa mistura de ficção com realidade, através da vivência de seus personagens, que por vezes nos faz acreditar que se trata de uma história verídica, já que vivemos em uma sociedade tão estigmatizadora, o enredo, se torna um retrato social, isso desperta o interesse e a sensibilidade, incitando a reflexão do leitor que se prende à história.

Através de uma linguagem clara, o autor traz com precisão o que exatamente Henrique enfrenta ao ser estigmatizado, ao carregar esse defeito visto muita das vezes de forma preconceituosa. O mesmo garoto, que passa sua vida inteira lutando, enfrentando tais preconceitos e humilhações, é o mesmo que vence através de seus esforços, de sua dedicação e dignidade. Além de todo esse sofrimento existia seu amor por Helena, que o fazia enfrentar tudo e todos para um dia poder viver sua história de amor.

O brilho dos teus cabelos me queimava. Eu sentia o desafio da distância entre a tua carteira e o meu banco. Naquele momento eu tinha a determinação de vencer. Ocupava o último lugar da sala, o mais escuro. Mas seria o melhor aluno da turma e de todo o ginásio. (CONY,2003, p.14)

Percebemos, em Henrique tamanha determinação de vencer, de se tornar o melhor, o que de fato aconteceu, nos anos que se seguiam, ele se tornou o melhor aluno da escola, ao mesmo tempo tinha curiosidade, em aprender eletricidade e eletrônica na loja de Seu Gomes. Mesmo se tornando o melhor aluno da escola não deixa de ser excluído, rejeitado e humilhado, apesar, do pobre menino saber que aquele local não era de fato, o seu mundo, a maioria dos alunos faziam questão de deixar isso bem claro.

De acordo com as afirmações acima percebemos, que o herói Henrique, trava-se numa luta diária, para se livrar da pobreza e para conquistar o amor de Helena, apesar da pouca idade, o menino sabe que, o fato dele ser pobre é um fator crucial, para essa história ser concretizada. O menino seguia, dia a dia enfrentando as críticas, as suposições, as calúnias e injúrias até que num certo dia, sumiu a pulseira de ouro de Helena e não poderia ser diferente, Henrique

era o suspeito, todos desconfiavam dele, com exceção de Helena, até o professor queria revistar seus bolsos, depois que Jorge, primo de Helena, deu a ideia, nesse momento, Helena o defende e diz que Henrique seria incapaz de fazer algo desse tipo. Os olhares se voltavam todos para Henrique que por orgulho, não podia dar o prazer que os outros o vissem chorar, naquele momento em que lhe subiu uma raiva por tamanha humilhação e vergonha.

O professor dá-lhe a ordem, para Henrique levantar e ele possa revista-lo, usando a justificativa do garoto ter sido o ultimo a entrar na sala e não os ajudar na procura da pulseira.

-Não faço parte desta classe, já fizeram questão de deixar isso bem claro. Se me oferecesse para ajudar, teria sido recusado, pela mesma razão que agora suspeitam de mim. Se acham que fui capaz de roubar, pensariam, da mesma forma, que eu seria capaz de encontrar a pulseira e não devolvê-la.. (CONY, 2003, p.19)

Henrique assume sua verdade, verdade essa que incomodava a quase todos; depois de tanta humilhação, Henrique, precisou ser forte para continuar até o final da aula e mesmo chegando em casa arrasado, o menino precisa assumir essa postura mais uma vez para evitar o sofrimento de sua mãe, que mais tarde fica sabendo do ocorrido. No outro dia, Helena espera Henrique entrar na sala de aula e faz questão de pedir desculpas por ter causado, mesmo que sem querer, tal confusão; e fala na frente de todos que o chofer de seu pai encontrara a pulseira dentro do carro, o que faz, Henrique erguer a cabeça diante das falsas acusações.

Partindo para a caracterização da personagem Helena, podemos perceber, que é uma menina justa e que não se importa com a sua diferença social em relação a Henrique, pois para ela, mais importava o caráter de Henrique do que seu status social. Fisicamente, Helena é mostrada como uma imagem angelical, com cabelos loiros e olhos azuis, Helena é perfeita fisicamente e espiritualmente. É dotada, de virtudes que se aproximam do divino, encaixando-se perfeitamente, dentro da tradição romântica.

Quando o narrador caracteriza Helena, ele não economiza palavras, sempre que se refere a sua amada, o mesmo sempre utiliza elogios, chegando a sonhar até de olhos abertos, com o dia em que esse amor possa se concretizar.

Te tomei nos braços e dançamos ao som da música invisível. Eu sentia teu perfume, os teus cabelos macios que me acariciavam o rosto. Foi a primeira vez que sonhei contigo, de olhos fechados. (CONY, 2003 p.24)

Anos se passaram, Henrique não precisa mais sentar no banco de madeira no fundo e no lugar mais escuro da sala, com muito sacrifício o agora rapaz consegue pagar as taxas exigidas, que lhe davam direito a sentar-se numa carteira. Mesmo assim, a presença de Henrique continuava a ser tolerada de má vontade. Certo dia colocaram uma gilete em sua cadeira, não se machucou por pouco, momentos depois, descobriu o mal feitor do ato, mais uma vez tinha sido Jorge, o primo de Helena, conseqüentemente fora suspenso por uma semana e houve aquela revolta na sociedade, como pode o menino rico, família dos Rezendes ser suspenso por ter feito algo ao menino mais pobre da cidade, o filho da costureira.

O pai de Jorge não aceitou o castigo do filho. Falou alto por toda a cidade: "Esta aldeia não vai para frente por causa de coisas assim. Onde já se viu deixarem o filho da costureira matricular-se no mesmo ginásio onde estudam os filhos das melhores famílias". (CONY, 2003 p. 28)

Observando bem o campo interpretativo, percebemos que, a obra do ilustre escritor, oscila entre o mundo real e imaginário, temos mais uma temática social que vem fazer-se presente neste enredo, que é a questão do indivíduo estigmatizado, no caso de Henrique o preconceito social. Uma questão que está intrinsecamente ligada à realidade de nossa sociedade, vista, como uma sociedade que impõe um padrão aos indivíduos, os que não se encaixam nesses padrões, sofrem o estigma e se deparam com o preconceito, isso em várias esferas, esse preconceito ocorre em quase tudo, com o pobre, com o magro, com o desempregado, alcóolatra, a garota de programa, o cego, o surdo, o deficiente físico e mental, entre tantos outros.

-O Henrique não entra nisso.

-E porque não?

-Ele não tem dinheiro para pagar sua cota. (CONY, 2003, p.30)

Percebemos que o autor expõe uma realidade não distante dos nossos dias.

Saindo desse mundo exterior e voltando para o universo circundante da trama, temos então, novamente no cenário, mais uma humilhação sofrida por Henrique; a turma se prepara para o baile de formatura, e deixa de lado o garoto, que por ser pobre não terá como pagar as despesas do baile. Nesse momento, após ouvir que Henrique não irá participar pelo motivo já mencionado, Helena só aceita ser presidente da turma, caso Henrique participe e que se ele não tiver como pagar as despesas, a mesma arcaria com os gastos. Para Henrique tal atitude de Helena feriu com o orgulho dele, que foi visto como uma ofensa, uma esmola.

Vinda de ti, esta esmola doeu mais. Querendo me incluir na festa, me feriste fundo. Procurei um canto isolado do pátio, para evitar que me encontrasses. E lá fiquei, sozinho, chutando as pedras miúdas do chão. Estava tão concentrado na minha humilhação que nem te vi chegar. (CONY, 2003, p.30)

Uma viagem era planejada pela turma e não diferente das outras vezes, Henrique, não teria condições financeiras para participar da viagem, fora até convidado mas usou a desculpa de que estava com uns serviços atrasados e iria aproveitar o feriado para colocar o trabalho em dia, a turma, pouco se importou se aquilo que ele falava era verdade ou uma de suas desculpas, para não se humilhar perante seus companheiros de sala. De humilhação já bastava. Todos viajam menos Henrique. Sua mãe observava todo o sofrimento do filho e nada podia fazer. Ao cair do sol, o menino, vai esperar mesmo que de longe a turma chegar, na verdade ele não estava interessado na turma mas na sua amada Helena que o avista e acena mas logo sua governanta lhe pega pelo braço e a leva para casa, Henrique retorna para sua casa e encontra sua mãe dormindo sob a sua companheira, a máquina de costura.

Quando entrei em casa, vi minha mãe dormindo sobre a costura, os cabelos grisalhos e opacos, iluminados pela lâmpada. Com muito cuidado para que não despertasse, carreguei-a para a cama – eu havia ficado mais forte e ela mais frágil. Tive pena de nós dois. Senti-me preso a um destino mesquinho, feito de coisas pequenas, que, apesar de tudo eu amava terrivelmente com a obstinação resignada que só a pobreza tem. (CONY, 2003, p.37)

Helena tinha muitos pretendentes dentre os quais Roberto e Alceu mereciam um certo destaque, como Alceu estava em outra cidade para estudar, Roberto tinha uma certa vantagem, certo dia, todos na sala de aula passavam

um bilhete, no qual dizia que Helena e Roberto haviam se beijado, quando esse bilhete, chega as mãos de Henrique lhe sobe uma raiva que ele amassa o papel com ódio, Helena percebe a atitude de Henrique e vai até ele e pede para ver, ele hesita, mas ela insiste. Helena cai no choro e pergunta ao rapaz, se ele acredita naquilo que leu, ele responde negativamente, nesse momento ela encosta, no ombro dele e há uma declaração de amor mútua.

O que foi mais uma vez, um abalo para a sociedade, era como se Henrique estivesse quebrando um tabu, ele agia contra aquela sociedade opressora, porém seus atos tinham consequências, o garoto foi chamado à direção da escola e foi informado que ele deveria ter mais consideração aos favores prestados e que ele seria expulso, cansado de tantas humilhações Henrique não conseguiu se conter:

- Nunca recebi nenhum favor! Este é um colégio público. Pago as taxas em dia. No entanto, deram-me um banco de cozinha, no fundo da sala, enquanto não tive dinheiro para pagar pela carteira. Sou o melhor aluno deste colégio, graças ao meu próprio esforço. Nunca contei com a boa vontade de ninguém. Só de Helena. (CONY, 2003, p.40)

Quando foi ameaçado de ser expulso da escola, Henrique mais uma vez não baixou a cabeça como fez toda sua vida e disse:

- Terá que expulsar Helena Rezende também. Eu recorrerei até aos tribunais, se for necessário. Este curso me custou muito para que eu o perca assim. (CONY, 2003, p.40)

Mesmo tomando coragem para enfrentar tais situações, Henrique é conhecedor do poder do pai de Helena, que em hipótese alguma aceita ou admite o amor dos dois.

Um aspecto importante, que podemos frisar na obra é a forma como o autor aborda, a questão da influência e do poder, essa influência gira em torno do pai de Helena, o Comendador Rezende, um homem de posses, enquadrado desta forma devido suas riquezas e autoridade sob os moradores da pequena cidade. Ao saber do ocorrido o mesmo utiliza de suas influências para prejudicar o pobre rapaz, que logo em seguida é demitido da loja de Seu Gomes.

A repressão foi longe além. Além da tentativa do Jorge, tentaram me punir de uma outra maneira. Àquela tarde, quando cheguei na loja dos rádios, o velho Gomes

me chamou para uma conversa: -  
Henrique, acho que vou ter que vender o negócio. Estou ficando muito velho e o serviço não está compensando manter um ajudante. (CONY, 2003, p.43)

Nessa conversa, Henrique é dispensado do trabalho, a essa altura o garoto já possuía certa estabilidade profissional, muitos clientes da loja eram por causa dele, não existia uma outra pessoa pela região que entendesse mais de eletricidade que o próprio Henrique. Poucos dias após ser demitido Henrique consegue um pequeno emprego na estação de trem.

Depois do acontecido, Helena quase não vai mais a escola, seu pai a proibira, quando aparecia era sempre acompanhada de uma governanta, que controlava todos os seus passos. O que lhes restavam nesses últimos dias de aula eram as trocas de olhares.

Chegou à noite da formatura, para Henrique aquela festa não significava nada, o que importava era o fato dele ver sua amada. Terminada a solenidade, Helena lhe faz o convite para ser seu par no baile de formatura que acontecerá no dia seguinte, e que terão a permissão de seu pai.

- Henrique, você será meu par no baile, amanhã. Papai concordou. (CONY, 2003, p.45)

Por um momento Henrique ficou sem entender, mas logo em seguida Helena explica o motivo da permissão de seu pai, depois do baile, Helena iria se mudar para São Paulo; e, provavelmente casaria com Alceu.

Teu casamento já definido: uma só noite para ser feliz. Minha imponência me humilhava enquanto eu seguia pelas ruas escuras e poeirentas. (CONY, 2003, p.45)

Ao saber do casamento de Helena, Henrique se revolta e numa conversa com sua mãe, promete para si mesmo que irá trabalhar e estudar feito um louco para ficar rico e vencer e não ser mais humilhado por ninguém. Nessa conversa ele relata a vontade de ir para São Paulo estudar e levará sua mãe junto com ele, já que para ele, sua mãe é a pessoa mais importante do mundo.

Henrique bate a porta da mansão de Helena, para juntos irem ao baile, enquanto Henrique a espera, o pai de Helena exige para que Henrique não a traga tarde, já que eles viajarão cedo no dia seguinte. Helena desce as escadas



e Henrique a olha deslumbrado, como Henrique não tinha carro e nem podia se dar o luxo de alugar, foram a pé, andando de mãos dadas pelas ruas, caminhavam devagar numa tentativa de aumentar o trajeto e aproveitar o momento a sós.

Apesar da distância, conseguiam escutar a música, nesse momento, Helena lhe estende os braços e convida Henrique para dançar, os dois dançam e se beijam, para Henrique foi um beijo de orgulho, humildade e pranto. E na rua ficaram dançando, até que perceberam a ausência de Helena no baile, e seu pai os encontram na rua, insulta Henrique de vagabundo e leva Helena embora.

Um ponto importante que podemos enfatizar é a questão de Henrique ser chamado de vagabundo. Mesmo, o garoto tendo estudado, trabalhado e se esforçado, durante toda sua vida, nesse contexto, nessa visão preconceituosa, sua índole não é levada em consideração, apesar de todas as suas dificuldades, sua dedicação e seu destemor, Henrique por ser pobre, não possui o direito de amar Helena.

Foi um beijo de orgulho, humildade e pranto. O pranto de um homem que se fortalecia em mim, prometendo à sua carne, à sua ambição, conquistar o direito de te amar. (CONY, 2003, P.50)

O direito de amar Helena só lhe seria permitido, se Henrique ficasse rico, pois seus esforços e sua dignidade não eram fatores a serem levados em conta para que ele casasse com Helena.

Depois que Helena foi levada embora, Henrique permaneceu num banco onde viu o sol nascer, e pôde presenciar a partida de Helena, os dois se olharam pela uma última vez. Henrique volta para sua casa em desespero, por perder sua amada, agora ele teria que conviver com sua ausência.

Depois do escândalo que abalou toda a cidade, sua mãe perdera todas as suas clientes, mas em contrapartida Seu Gomes tinha fechado a loja e as pessoas que precisavam do serviço de Henrique o procuravam, não havia outra escolha. Desta forma Henrique enxergava novos horizontes e aos poucos foi deixando de ser o filho da costureira, todos agora sabiam seu nome, porém ainda não era aceito como igual.

Henrique se empenhou cada dia mais em seu trabalho, certo dia demorou a chegar do trabalho e quando chegou em casa um silêncio foi ao seu encontro, mais uma perda em sua vida, dessa vez era para sempre, sua mãe havia falecido.

Mamãe estava caída sobre os braços, na mesma posição em que tantas vezes a encontrava dormindo em cima da costura. Toquei seu ombro para despertá-la. Inutilmente. Estava morta. (CONY, 2003, p.53-54)

Naquele momento, Henrique se deu conta de que estava sozinho, sob muita dor providenciou o sepultamento de sua mãe e mais uma vez prometeu para si mesmo que agora mais do que nunca iria se esforçar por ele e por ela, que iria vencer.

Voltei a pé do cemitério. O céu azul, enorme, ampliava a minha solidão. Dali para frente, eu contava apenas comigo. (CONY, 2003, p.54)

É com a perda de sua mãe, que Henrique decide ir embora de Vila Rezende agora mais do que nunca o garoto decide partir para São Paulo, pede demissão do emprego e arruma suas poucas coisas na mala. Antes de embarcar, parou em frente a casa dos Rezendes, ainda fechada desde o escândalo do baile de formatura, e num súbito teve consciência de que era forte, o palacete do Comendador, homem mais poderoso e influente de Vila Rezende fechado, por causa de um menino pobre e órfão.

Henrique chega a São Paulo, com o movimento da grande cidade, fica atordoado e com medo da imensa e desconhecida cidade, logo procura um lugar para poder passar sua primeira noite na cidade, conheceu Seu João que lhe ajudou a conseguir uma pensão para Henrique poder se hospedar, a pensão era de dona Maria. Para se hospedar na pensão, era necessário ter uma carta de recomendação mas, Henrique não tinha e Seu João lhe ajuda mais uma vez.

– Tem carta de recomendação? Antes que eu abra a boca, Seu João respondeu:

– Não senhora. Mas ele é filho de uma prima da minha mulher. Só não vai lá para casa porque não temos lugar. Ela pensou uns momentos.

– Bem se é parente de Dona Joana, o caso muda de figura. Tenho uma cama vaga, num quarto com mais dois rapazes. (CONY, 2003, p.59)

Henrique estava exausto e tudo que mais queria era descansar, Dona Maria arrumou a cama e lhe preparou algo para comer, o cansaço lhe livrou de dar alguma explicação em relação ao seu parentesco com a mulher de Seu João, o que Henrique achou bom, afinal ele era um desastre com mentiras.

No dia seguinte, Henrique conhece seus companheiros de quarto o Carlos e o Antônio, os três conversam, e aconselham Henrique a comprar um jornal para ver os anúncios de emprego e foi exatamente o que Henrique fez, recortou os anúncios que lhe pareciam pertinentes e saiu em busca de um emprego.

(...) Segui o conselho de Antônio. Comprei um jornal, recortei os anúncios que me pareceram possíveis, tomei informações de ruas e itinerários e saí. (CONY, 2003, p.61)

Passaram-se duas semanas e Henrique não conseguira um emprego, por diversas razões, não tinha carta de recomendação; era muito jovem; o serviço era de grande responsabilidade, o desespero começava a lhe atormentar, suas economias só chegava a dois meses de pensão. Seus companheiros de quarto lhe animavam; pela primeira vez Henrique tinha amigos, gente que lhe enxergava de igual modo.

Certo dia, depois de mais um tentativa à procura de emprego, Henrique percebeu que, tinha pegou o ônibus errado e desce na primeira parada depois que percebe seu erro, desceu em um lugar totalmente desconhecido e na procura de um ponto de ônibus que o levasse para o centro Henrique encontra uma pequena loja de conserto de rádios e aparelhos eletrônicos, Henrique não pensa duas vezes e logo entra na loja para pedir emprego ao dono.

- Estou procurando trabalho. Entendo bastante de eletricidade.
- Entrou no lugar errado. Todo mundo acha que sabe endireitar estas drogas elétricas. Como se fosse fácil! Não preciso de ajudante para ter que ensinar o que é uma válvula e para o que serve!
- Tenho prática! Estudei muito. Consertei os sinais da Estrada de Ferro e...
- Chega de conversa! Se sabe mesmo consertar um rádio, comece por esse aqui. Faz dois dias que trabalho nele e está cada vez pior. (CONY, 2003, p.63)

O serviço era simples, para Henrique deu mais trabalho remontar o rádio que consertá-lo, depois de terminar o serviço o velho Tomás lhe faz algumas perguntas e lhe oferece o emprego que Henrique tanto almejava. E para comemorar a boa notícia, saiu com seus amigos, jogaram conversa a fora, tomaram um chope, se divertiram e em seguida voltam para a pensão, afinal de contas Henrique precisava acordar cedo para seu primeiro dia no trabalho.

O senhor Tomás era um homem bom, honesto e decente, porém, sempre tinha reclamações a fazer por mais que Henrique se esforçasse, com o passar dos dias Henrique descobriu que ele vivia só, o que levou Henrique a ser mais paciente com o velho.

Aos poucos Henrique vai conquistando Seu Tomás, a oficina era escura, desorganizada e se perdia muito tempo procurando as ferramentas. E Henrique decide lhe fazer uma proposta, de trabalhar durante o final de semana, para dar uma organizada na oficina, o velho a principio não vê necessidade para tanto, porém permite Henrique fazer tal mudança.

Mas na segunda-feira, quando deu com a sala pintada de branco, o material limpo e arruma do nas prateleiras, seu rosto se abriu. Bateu no meu ombro e falou:

– Gosto de você, rapaz. Tem cabeça e não tem preguiça. Isto aqui mudou de cara! Esta segunda-feira começou bem, apesar de ser dia de pagar contas. (CONY, 2003, p.65-66)

Henrique ganha a confiança de Seu Tomás, convenceu a fazer uma vitrine, a mudar o letreiro, a pintar a fachada da loja, o negócio cresceu e os lucros aumentaram e antes do final do segundo ano, Henrique era sócio de Seu Tomás. A essa altura Henrique já havia perdido sua timidez, aprendeu a rir, a brincar, saia para teatros, cinemas e até fizera um curso de inglês, aos poucos Vila Rezende se apagava de sua memória, mas Helena continuava viva em sua vida e era o motivo de força maior para ele continuar lutando.

Consegue depois de muito esforço entrar para a Faculdade de Engenharia, como sempre estuda e trabalha, e seu pensamento era fiel a Helena, moravam agora na mesma cidade, porém, seus mundos continuavam diferentes. Para um dia ter o direito de amar Helena, ele precisava ficar rico, Henrique era ciente de que não podia pensar pequeno, era preciso, pensar

grande para isso ele estudou e trabalhou muito, foi um dos primeiros a construir uma televisão experimental.

Aproxima-se o natal, seria o terceiro que Henrique passara na grande São Paulo, seus amigos viajaram para suas casas, restou apenas Henrique e Dona Maria. Henrique organiza uma grande ceia já que agora as coisas estavam bem melhores do que antes, chamou alguns vizinhos e Seu Tomás. Henrique sentiu-se muito feliz por poder proporcionar isso aos seus convidados.

Quando tudo parecia caminhar bem a vida lhe dá uma outra rasteira, dentre tantas enfrentadas por ele, Henrique estava no fim do curso de engenharia, quando aparece um inquilino na pensão, o Belmiro, era um rapaz calado e fazia questão de se isolar de todos, trabalhava no banco, como caixa. Dona Maria nunca gostou do rapaz e aconselhava Henrique a ter cuidado com ele, pois ela tinha um pressentimento de que ele escondera algo.

É interessante ressaltar que Dona Maria aos poucos assume o papel de sua mãe, e nessa passagem a personagem traz consigo, uma intuição, um sexto sentido um sentimento que muitas vezes é um sentimento materno, além do mais todo cuidado, carinho e confiança que ela tem por Henrique.

- Cuidado com esse Belmiro. Alguma coisa me diz que ele está acontecendo alguma coisa! (CONY, 2003 p.69)

Dona Maria, tinha mesmo razão, numa certa manhã Henrique avista Belmiro com uma mala, dizendo que recebeu uma carta de sua mãe e que precisa voltar, pois a mesma encontra-se doente, Henrique lamenta e vai para a faculdade. Depois da faculdade Henrique passa na loja e é surpreendido quando Seu Tomás lhe avisa que a polícia está à sua procura. Henrique de consciência tranquila, não se preocupa e acredita ser algum engano. Antes de dar alguma explicação a Seu Tomás, dois policiais aparecem e obrigam Henrique a entrar no carro e os levam para a pensão, para apurar os fatos, chegando a pensão Dona Maria já está aos prantos, Henrique é levado para seu quarto, quando se depara com uma enorme quantidade de dinheiro e mesmo sem entender e se justificar os policiais o levam para delegacia.

- Então? Não vai confessar? Está bem, contar tudo vai ser mesmo difícil. Mas vamos levá-lo para delegacia de Roubos e Furtos... lá a coisa é mais dura e você se lembrará de tudo... nós temos meios para *ajudá-lo*. (CONY, 2003 p.73)

No caminho da delegacia, Henrique recorda de Belmiro saindo da pensão com uma mala, com a desculpa de que a mãe estava doente, para Henrique tudo fazia sentido, mas como explicar o dinheiro em seu colchão?

Para tranquilidade de Henrique, Belmiro estava preso e foi ele quem culpou Henrique por tamanha atrocidade, quando as coisas pareciam ter acabado, a vida se encarrega de pregar mais uma peça para que Henrique continue sendo humilhado, caluniado e injuriado. Ao entrar na sala do delegado, foi informado que o mesmo não se encontrava, mas que Henrique seria atendido pelo seu secretário, o Dr. Jorge. Henrique não poderia imaginar que se tratava de Jorge Rezende, o mesmo que na infância lhe acusara de ter roubado a pulseira de Helena.

E pela primeira vez os dois conversam ambos falam de seus planos futuros, mas logo Jorge interrompe a conversa e tratou logo de humilhar Henrique o acusando de ter roubado o dinheiro do banco e lhe insulta de ladrão.

- Não falemos sobre isso. Seria idiota imaginar que discutisse aqui na delegacia, com um ladrão de banco, um problema de família. (CONY, 2003, p.78)

Por mais que Henrique fale a verdade, Jorge não perderia a oportunidade de lhe prejudicar, Henrique pede a acareação para apurar os fatos, Henrique gostaria de ficar frente a frente com Belmiro, mas Jorge nega o pedido do jovem. E dá mandato de prisão:

- Isso é um assunto nosso Você será acareado quando eu quiser. Por ora, considere-se preso e trate de não estrilar. Temos celas aqui na delegacia. O conforto é muito relativo mas você já está habituado. (CONY, 2003, p.80)

Henrique foi levado para uma sala fria, sem luz, com o piso úmido, ele não podia acreditar naquilo que estava acontecendo, depois de tanto esforço, dedicação e sofrimento.

O destino caprichara nas tramas e, justamente quando eu me apurava na vida, jogava-me aquela provação injusta mas da qual eu não sabia como sair. (CONY,2003, p.80)

O delegado chega e manda chamar Henrique, quando o mesmo refaz o caminho, no gabinete do delegado havia várias pessoas, dentre elas o Diretor de Relações Públicas do banco, que estava no local para esclarecer os fatos e testemunhar a favor de Henrique e sua inocência foi provada.

Depois do ocorrido, Henrique já não vê a pensão de Dona Maria como a mesma, ele já não se sentia bem e sentiu a necessidade de sair daquele lugar e dar uma boa desculpa para Dona Maria, mas Henrique sentia a ânsia de morar só e ganhar independência, mas prometeu a Dona Maria que nunca iria lhe abandonar, depois de um tempo ela fecha a pensão e vai morar com Henrique, sendo governanta de sua casa.

Henrique se forma em Engenharia, e a cena do curso primário se repete ao receber o diploma ela é a primeira a bater palmas assim como sua mãe fez quando Henrique concluiu o primário.

Por um momento, senti que minha verdadeira mãe nunca me abandonara. (CONY, 2003, p.87)

Profissionalmente Henrique estava bem, tinha recebido várias propostas, tinha viajado para os Estados Unidos, e voltou de lá como um especialista, porém se sentia infeliz e sozinho, todo esse esforço teria sido para ser digno do amor de Helena.

Depois muitos de anos, Henrique consegue se formar, se estabelecer financeiramente e enfim casa-se com Helena e juntos retornam a Vila Rezende, os dois tem uma filha, Maria Clara. Maria Clara quando adolescente se apaixona por um rapaz pobre que assim como Henrique trabalha e estuda. Helena, por sua vez teme pelo sofrimento da filha e tenta impedir o namoro dos dois em contrapartida Henrique decide dar uma oportunidade ao rapaz e a sua filha, impedindo desta forma o mesmo sofrimento que ele e Helena passaram para ficarem juntos.

Podemos ressaltar no final da obra a superação de Henrique, o que rompe com a estética romântica, que nem sempre apresenta finais felizes.

Henrique através de seus esforços, de seu destemor e até mesmo de sua valentia, vence. Consegue deixar de ser o filho da costureira, da mulher mais pobre e passa a ser o Dr. Henrique, um engenheiro de renome e agora casado com Helena Rezende, seu verdadeiro e único amor.

A obra analisada foi de suma importância para a natureza desse estudo, pois nos possibilitou conhecer a trajetória do herói Henrique no romance, bem como todo o preconceito por ele enfrentado para poder viver sua história de amor ao lado da sua amada Helena. Além disso, a trama é envolvida por problemáticas sociais, entre estas, podemos citar a mais culminante, responsável por nortear a vida do narrador, do início ao fim, que é o estigma. Contudo, podemos considerar que a obra é de extrema relevância na literatura contemporânea,



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como eixo central demonstrar o preconceito (estigma) social, na obra *Uma história de amor* (2003), de Carlos Heitor Cony, autor de vários romances, contos, novelas, crônicas, adaptações e narrativas infanto-juvenis. Carlos Heitor Cony é tipo de escritor atuante, logo se vê pela multiplicidade de gêneros pelos quais transita. Seus livros agradam várias gerações e com temas cada vez mais atuais.

A opção por Carlos Heitor Cony recai, nos vários caminhos pelos quais suas obras literárias transitam que incluem a recorrência de temas que se destacam, entre eles as relações familiares, a política, ou melhor, os governos, o homem perante a sociedade e o amor. Temas esses compatíveis com a realidade brasileira.

No romance analisado foi possível perceber as ações do narrador e das personagens centrais, em todos os espaços da obra, como se as emoções e ações vivenciadas por elas fossem verídicas. A trama central da obra se utiliza de uma interdição amorosa, por meio do preconceito social.

Henrique, o protagonista é pobre e se apaixona por Helena, a menina mais rica da cidade. Junto com essa interdição vem o preconceito social/estigma social, que o protagonista enfrenta no decorrer da trama para poder ter o direito de amar Helena. Rente a esse preconceito vieram às humilhações, as acusações, as injúrias, as difamações e as promessas que Henrique no decorrer da história fez a si mesmo e a sua mãe.

Henrique passa toda sua infância e adolescência sendo covardemente humilhado perante a sociedade devido a seu status financeiro, passando a ser conhecido pelo o filho da costureira ou o filho da mulher mais pobre da cidade. Nessa perspectiva do estigma seu nome é apagado em detrimento do estigma que o mesmo carrega.

Por meio de estudos bibliográficos na obra de Erwin Goffman (1988), refletiu-se que o estigma é um atributo que provoca uma vasta desvalorização na vida de um sujeito, as possibilidades são reduzidas pelas oposições da

sociedade, havendo desta forma a perda da identidade real e havendo apenas a identidade social. No caso do nosso protagonista ele deixa de ser Henrique e passa a ser o filho da costureira.

É um romance simples e incentivador que traz um tema tão pertinente e presente em nossa sociedade, na obra analisada foi visto o estigma na esfera social, mas o mesmo está em todas as esferas; o preconceito existe com o magro, o gordo, o ex presidiário, o cego, o deficiente físico ou mental e tantas outras pessoas que não se enquadram nos padrões impostos pela sociedade opressora.

O romance estudado é um grande incentivador, tanto para os estigmatizados por mostrar que através dos esforços pode-se triunfar e alcançar a vitória como também para os chamados “normais”, assim classificados por Goffman, que podem através da leitura da obra ter um maior conhecimento do sofrimento e da dor que os estigmatizados são obrigados a passar, devido a uma sociedade que impõem tais atributos. É um romance que incita a reflexão.

## 5. REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. **Teoria da literatura**. Coimbra: Alameda, 2006.

ARAUJO, Felipe. **Literatura infanto-juvenil**. Disponível em: <http://www.infoescola.com/literatura/literatura-infanto-juvenil/>=acesso em 20/10/2106.

BAKHTIN, Mikhail. **O discurso no romance**. In: Questões de estética e de literatura. 3.ed. São Paulo: Ed. da UNESP, 1993.

BECKER, Celia Doris. **História da literatura infantil brasileira**. In: SARAIVA, Juracy Assmann (org.). *Literatura e Alfabetização, do plano do choro ao plano da ação*. Porto Alegre, 2001. p.35-41.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)**. Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Programa Nacional da Biblioteca Escolar (PNBE)**. Ministério da Educação. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12548:saibamais&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12548:saibamais&catid=309:programa-nacional-biblioteca-da-escola&Itemid=574). Acesso em: 09 de setembro de 2016.

CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**- São Paulo: Humanitas- SP, 2002.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectivas, 2007.

CONY, Carlos Heitor. **Um história de amor**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

FLOREANDO, Virginia L. **Crítica: Uma História de amor**. Disponível em <http://blogfloreando.blogspot.com.br/2014/10/critica-uma-historia-de-amor.html> acesso em 07/03/2017.

FORSTER, E. M.. **Aspects of the novel**, cit. p. 66-67. Apud CANDIDO, Antonio (Org.). *A personagem de ficção*, cit. p. 62-63. Tradução de Antonio Candido, 1992.

GOFFMAN, Erwin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1988.

GOLDMANN, L. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LUKÁCS, Georgy. **A teoria do romance**. São Paulo: Editora 34, 2000.

MIGUEZ, Fátima. **Nas arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula** - Rio de Janeiro: Singular, 2009.

ORRICO, João Paulo Santos. **A importância da literatura infanto-juvenil no fundamental II**. Disponível em: <http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-literatura-infanto-juvenil-no-fundamental-ii.htm> = acesso em 15/01/2017.

RESENDES, Alberto Raposo de; ALFONSI, Fernanda Garcia e ALVES, Kelly Cristina Soares. **A literatura infantil contemporânea e suas vertentes sociais no Brasil e no mundo**. Disponível em: <http://literatura-infanto-juvenil.blogspot.com.br/2011/11/literatura-infantil-contemporanea-e.html> = acesso 21/01/2017.

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo e contextualização Histórica e das artes**. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/656/1/Romantismo.pdf> = acesso em 04/01/2017.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.